



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA KÁSSIA DE JESUS BERNARDINO

**A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DAS
SÉRIES INICIAIS (ENSINO FUNDAMENTAL I)**

**GUARABIRA
2017**

MARIA KÁSSIA DE JESUS BERNARDINO

**A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DAS
SÉRIES INICIAIS (ENSINO FUNDAMENTAL I)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na área de Educação.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B523r Bernardino, Maria Kassia de Jesus.

A representação das pessoas negras no livro didático das séries iniciais (Ensino Fundamental I) [manuscrito] : / Maria Kassia de Jesus Bernardino. - 2017.

29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de Educação - CH."

1. Escola. 2. Representação. 3. Pessoas Negras. 4. Livro Didático. 5. Escola. 6. Representação.

21. ed. CDD 305.8

MARIA KÁSSIA DE JESUS BERNARDINO

A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO LIVRO DIDÁTICO DAS SÉRIES
INICIAIS (ENSINO FUNDAMENTAL I)

Aprovada em: 04/12/17

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Sheila Gomes de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ivonildes da Silva Fonseca (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me dar sabedoria, coragem e determinação para continuação desse trabalho.

À minha mãe, Irani Maria de Jesus, pelo apoio incondicional e os “puxões de orelhas”, que me serviram de incentivo para buscar o que almejo profissionalmente. Ensinando-me acima de tudo, que não há limitações quando a vontade de concretizar o sonho é maior que qualquer medo ou preconceito.

A meu pai, José Bernardino Filho, embora fisicamente distante, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força e estímulo.

À minha avó-mãe, Maria de Lourdes Menezes, pela força, encorajamento e por me servir de inspiração, porque mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, sempre falou-me da importância deste, para conquistar meu espaço.

À minha irmã, Larisse de Jesus Paulino, e ao meu irmão, Miguel de Jesus Silva, pela irmandade e ajuda nos momentos que precisei.

A meu esposo, Alexsandro Monteiro Alexandrino, pelo auxílio, companheirismo e afeto.

A meu filho, José Victor de Jesus Monteiro, que desde o seu nascimento tornou-se a principal fonte de coragem e ânimo, para enfrentar os percalços da vida e dar continuidade a conclusão desse trabalho, para obtenção do diploma de Pedagoga, formação que abriu e abrirá muitas portas.

A minha tia, Ida Maria de Jesus, pela ajuda e empenho, pois foi quem correu atrás de toda documentação necessária para realizar minha inscrição no curso, que por motivos maiores eu não tinha condições de realizá-la a tempo.

As amigas Juliete Galdino, Jusiaria Lima, Márcia Dantas, em especial, Rayane Aquino Borges, que me deram toda ajuda para conclusão desse trabalho, pela reciprocidade em termos passado estes quatro anos juntas, adquirindo experiências e compartilhando saberes.

Aos compadres, Amanda Farias e Silvo Procópio, pelos momentos de amizade e apoio.

A todos (as) amigos (as), em especial Ana Lúcia Vital, que contribuíram de maneira direta ou indireta para a conclusão desta etapa profissional, torcendo e rezando por mim no decorrer dessa jornada.

Aos professores do Curso de Licenciatura da UEPB, em especial, Ivonildes da Silva Fonseca, Luís Domingos Thomas e Waldeci Ferreira Chagas, que contribuíram ao longo de 48 meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

A meu orientador, Professor Doutor Waldeci Ferreira Chagas, pelas leituras sugeridas ao longo desta orientação, dedicação e paciência.

A Representação das Pessoas Negras no Livro Didático das Séries Iniciais (Ensino Fundamental I)

Maria Kássia de Jesus Bernardino

Resumo: O artigo propõe analisar a representação das pessoas negras no livro didático, destinado as séries iniciais do ensino fundamental. Quais as discussões, imagens, e textos referentes as pessoas negras são apresentadas? Como este material didático apresenta o grupo étnico? Quais as consequências da discriminação racial na vida das pessoas negras? Qual a relação da discriminação racial com as representações das pessoas negras contidas nos livros didáticos? O que as representações das pessoas negras contidas no livro didático podem causar na criança negra? Já que em sua grande maioria a representação da pessoa negra está sempre relacionada ao escravizado, a um sujeito sujo, feio e pobre? Do contrário a representação se reporta a pessoa negra como sendo inferior em relação à pessoa branca. Para tanto, escolhemos o livro do Projeto Buriti, especificamente o do 3º e 5º ano e nele analisamos as imagens recorrentes. Concluimos que mesmo com a lei 10.639/2003 que obriga as escolas da educação básica a inserir no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, nem sempre os livros didáticos mudaram os estereótipos com relação as pessoas negras.

Palavras-chave: Pessoas negras; Livro didático; Escola; Representação.

INTRODUÇÃO

Desde outrora as pessoas negras são marginalizadas, discriminadas, inferiorizadas e em pleno século XXI, embora com menos frequência e intensidade, estas ainda convivem com tal situação, visto que na sociedade brasileira ainda há casos de discriminação racial, no geral as representações acabam reproduzindo e de maneira natural a discriminação racial, que essa população vem sofrendo desde os primórdios.

Consideramos que expressões de racismo em livros didáticos são mais que a ponta “do iceberg”, e constituem uma das formas de produção e sustentação do racismo no cotidiano brasileiro. Sabe-se que essa situação, atualmente, não é mais a realidade vivida pelo negro(a) em nossa sociedade, de fato o preconceito e discriminação racial não acabou, mas é fato que este grupo étnico está aparecendo e mostrando seus valores, competências e identidade, dizendo que realmente estão lutando pela cidadania e conquistando seu espaço e ascensão social.

Os livros didáticos, especialmente os que são destinados ao público infantil, ao exibir imagens e textos sobre a escravidão, abusos e violências sofridas pela população negra no Brasil, de antigamente, devem questionar o porquê essa gente negra foi escravizada. Devem também discutir de que forma negros(as) viviam em meio à escravidão. Discutir que eles(as) não aceitaram a escravidão, por isso, lutaram da forma que puderam para conseguir por um fim ao sofrimento e desrespeito que foram obrigados a suportarem.

A partir de tais imagens professores(as) devem refletir acerca do porque esse povo ainda vive em condição social inferior, quando comparado a pessoa branca, contradizendo o que profere a Constituição Brasileira de 1988, que tem como um de seus objetivos fundamentais: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Inciso IV do Artigo 3º). Esta constituição no Artigo 5º estabelece que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”.

A partir do que estabelece a Constituição Brasileira de 1988 a maior parte dos livros didáticos, sobretudo, os de História contrariam-na, pois quando abordam a temática referente às pessoas negras inferiorizam-nas. Portanto, os(as) autores(as) quando escreverem devem ter cautela e respeito com a

história, cultura e identidade das pessoas negras, pois este grupo étnico representa o Brasil e seu povo, visto que desde o período colonial da História do Brasil está presente na construção da nossa sociedade.

A Constituição Brasileira, lei maior que rege o Brasil afirma que somos uma sociedade democrática, na qual todos desfrutam dos mesmos direitos e com deveres a cumprir, ou seja, perante a mesma somos todos iguais, independentemente de cor, raça, condição social, etc.

No entanto, diariamente constata-se/vivencia-se que a sociedade em sua maioria caminha contraditoriamente ao que diz a lei maior, ainda vivemos em um país onde a equidade social é um sonho aparentemente longe de se concretizar.

Apesar de trazer representações que inferiorizam as pessoas negras, o livro didático está presente em grande parte das Instituições escolares do Brasil e é o principal instrumento de trabalho de professores (as).

Busca-se, portanto, expor nos caminhos a serem percorridos neste trabalho subtemas referentes a:

- Condição Social do Negro no Brasil: onde em seu contexto serão apresentadas questões pertinentes a discriminação social, profissional e pessoal que vem a ser tributada as pessoas negras ao que se refere às condições dignas de moradia, o acesso à educação superior, saúde, um bom salário, etc.
- As representações do negro no livro didático: os dados contidos nesta parte revelam que quando os livros didáticos apresentam o negro de forma negativa pode causar danos aos estudantes negros e brancos, principalmente no que diz respeito à construção das suas identidades étnico-racial, podendo torná-las adultos com complexo de inferioridade e preconceitos com o próprio grupo étnico, ou se envergonharem do que são e não se reconhecerem como sujeitos históricos, mas como dependentes de atos alheios.
- Os Efeitos das Representações do Negro no Livro Didático para as Crianças que estão na Escola, o contexto desta última parte do trabalho mostrará a importância de trabalhar sobre a pessoa negra nos livros didáticos de forma que não discrimine nem tampouco retraia os estudantes pela sua cor

e origem. Para obter um bom resultado nos estudos de pesquisa, foi realizada análises de imagens nos livros didáticos do Projeto Buriti do 4º e 5º ano.

A CONDIÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO BRASIL

Com o passado marcado por preconceitos e discriminação, o negro ainda é visto como um ser inferior, apto apenas para realizar tarefas que lhes são destinadas pelos brancos, ou seja, há um novo tipo de escravidão moderna, onde “tarefa de branco” e “tarefa de negro” são coisas distintas, nesta perspectiva nos questionamos: Quais as consequências da discriminação racial na vida das pessoas negras?

Percebe-se, portanto, que a discriminação está presente em todos os aspectos da vida do homem negro e da mulher negra. Essa além de prejudicar e atingir sua vida profissional atrasa também sua vida social e, sobretudo, pessoal. Pois “o negro, vivendo em uma sociedade que lhe proporciona sistematicamente a interiorização da negatividade do seu grupo étnico, acaba aceitando isso como verdade e reproduzindo o mesmo comportamento e pensamentos” (CAVALLEIRO, 2000, p. 95), e essa “superioridade” ostentada pela classe branca está enraizada na sociedade desde os primórdios sendo encarada e reproduzida de maneira natural.

A sociedade concebe a problemática do preconceito como algo comum e pouco relevante, tal comportamento e/ou pensamento impede a sua superação, todavia não será por meio do silêncio e da indiferença que alcançaremos um bem comum. Sob esta ótica, as instituições escolares têm papel primordial na promoção da uma educação libertadora, emancipadora e justa, nesse sentido:

{...} a lei 10.639/03 constitui-se em uma proposta às demandas do Movimento Negro e a todos aqueles que vêm lutando por uma sociedade brasileira mais democrática, a sua aplicação não tem sido uma tarefa fácil: muitas vezes, os professores não se sentem motivados em cumprir leis que consideram vir de escalões superiores, não se sentem preparados para lidar com a questão e têm aqueles que ainda acreditam no mito da democracia racial ou acreditam que tocar nesse tema é tocar na ‘ferida’, preferindo o silêncio para não ‘provocar constrangimentos’ (SOUZA, 2009, p.8).

A condição de inferioridade social a que as pessoas negras estão submetidas, ao invés de ser devidamente questionada é hipocritamente naturalizada por entidades que constituem a sociedade brasileira, a exemplo dos veículos de comunicações de massa, as religiões, as mídias em geral e, sobretudo, as escolas, principais espaços de socialização dos saberes e construções de novos conhecimentos; local onde o respeito às culturas e identidades diferentes deveria prevalecer, obviamente a igualdade e o respeito para com o outro. No entanto, não cabe apenas à escola esta tarefa, as demais instituições devem também cumprir seu papel social, qual seja, o de promover a equidade racial, o respeito e a valorização de todas as raças.

No exercício de educar e de formar cidadãos, a família é primordial para que a evolução social aconteça, pois é no ceio dessa instituição social que aprendemos e eternizamos os nossos primeiros valores, conceitos, pensamentos e comportamentos. É através da família, principalmente, e da escola que a criança tem seus primeiros contatos com a sociedade e seus atinentes preceitos. Por isso, é importante que ambas as instituições, escola e família caminhem juntas, compartilhando e compactuando as mesmas estimas. Estas influenciam e atuam de maneira significativa e até definitiva na vida dos indivíduos, principalmente quando se é criança, fase em que o sujeito está começando a ter noção sobre as coisas, sobre o meio em que vive as pessoas com quem convive.

O preconceito arraigado e popularizado dos brancos com relação às pessoas negras, por inocência (porque é o que lhes é passado como verdade e “natural”) muitas vezes é internalizado e reproduzido pela criança negra, pois ninguém quer ser sinônimo de feio, nojento, sujo, subalterno e essa é a imagem que se concebem da pessoa negra.

Nesse sentido, é necessário que professores tenham noção e responsabilidade para compreender e poder atender os estudantes nas suas diferenças sociais. Essa tarefa é primacial no fazer do professor na escola, no entanto, a maioria dos docentes apresentam grandes dificuldades e/ou fingem não ver essa problemática dentro de suas salas de aula. Muitos não compreendem o ambiente escolar como um espaço onde a questão étnica, pluralidade e/ou a diversidade cultural estão presentes e carecem de ser discutidas. A ausência do questionamento dessa temática na escola sinaliza o

despreparo e o desinteresse de professores para lidarem com mais esta demanda. Todavia, tal situação acaba por enfatizar o preconceito racial.

Desta feita, a sociedade se utiliza do silêncio sobre o racismo para mascará-lo, quando este está presente no espaço escolar e interfere na aprendizagem de crianças negras, nas relações de fraternidade, e amizade estabelecida entre as crianças, e, sobretudo, na formação cidadã.

Assim o ato do docente omitir-se ou banalizar o preconceito racial na escola reforça e/ou corrobora com a ideia de que as pessoas negras são inferiores, por isso, são menos prezadas, e desvalorizadas nas suas ações e culturas. Nesta oportunidade, “a criança negra, devido ao condicionamento sociocultural e ao ideal de beleza fundamentado nos padrões europeus internaliza a baixa autoimagem e baixa autoestima. Conseqüentemente ela será um adulto com problema de identidade pessoal” (Paré, 2000, p. 110).

No Brasil educadores devem ter sensibilidade para perceber o problema do preconceito racial na escola e buscar estratégias para seu enfrentamento e superação, uma delas é a escolha dos materiais didáticos usados para trabalhar com esse assunto na sala de aula; esses devem ser adequados e estarem de acordo com o que prevê a Lei Federal 10.639/03, uma vez que esta lei prevê uma educação antirracista nas instituições de ensino públicas e privadas. No entanto, a existência dessa lei “não é suficiente para contemplar o escopo principal dessa modalidade de educação, pois é preciso fornecer condições para que os docentes possam aplicá-la” (Viera; Diniz; Monteiro; Santos, 2011, p.1) e ter e/ou ver essas ferramentas como apoio para desmascarar o mito da democracia racial e encarar a problemática com a seriedade que a mesma exige, admitindo o mal que faz e o quanto atinge a população negra.

O racismo e a discriminação racial são assuntos que infelizmente não ficaram no passado, esses males ainda assustam e atormentam a sociedade brasileira diariamente. Por conseguinte, não podemos nem devemos fechar os olhos diante de um assunto cujas conseqüências ferem a identidade de uma raça e que a mantém como desprezível digna de piedade e considerada inferior à raça branca. Conforme os dados do Ministério da Educação em 2003, apresentado pelo Jornal Folha de São Paulo foi possível perceber que:

Estudantes negros estão aprendendo menos do que os brancos de mesmo nível social e que estudam na mesma escola. Analisando as notas dos alunos no Sistema de Avaliação da Educação Básica SAEB, principal exame do ministério para medir a qualidade da educação brasileira, os pesquisadores [...] mostraram que os negros tinham, na média de todas as disciplinas verificadas, desempenho inferior em 9,3 pontos ao dos brancos, mesmo quando eram comparados alunos da mesma classe social e da mesma escola. O estudo, financiado pela Fundação Ford, também aponta diferenças nas notas entre brancos e pardos. Nesse caso, a diferença a favor dos brancos é de 3,1 pontos. Para os pesquisadores, os resultados são uma forte evidência de que pode estar havendo preconceito na escola. Professores podem estar tratando de maneira desigual negros e brancos na mesma sala de aula (Jornal Folha de São Paulo, 18/05/2003).

Professores devem quebrar o silêncio e superar a omissão frente a esse tema, parar de camuflá-lo por trás da chamada democracia racial, sobretudo, porque as pessoas negras no Brasil apresentam condições sociais inferiores quando comparados aos brancos, em todos os aspectos de suas vidas, tais como: moradia, saúde, segurança, trabalho, educação e valorização de sua cultura, entre outros, como demonstra o site notícias.uol.com.br em uma pesquisa realizada pela jornalista Silvana Salles em 09/09/2008 - 10h30

Os índices de escolaridade, renda e pobreza da população negra registraram melhoras entre 1996 e 2006, mas as condições de vida continuam inferiores às dos brancos no Brasil. A avaliação é de estudo sobre desigualdade racial e de gêneros divulgado nesta terça-feira (9) pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (Salles, 2008)

Diante da referida pesquisa citada acima, constatou-se que as oportunidades que foram negadas e tiradas da população negra, desde o passado, permanecem na contemporaneidade. As pessoas negras ainda sofrem com a negação dos direitos básicos; negados desde o momento em que os sequestraram da África para servir como escravizados no Brasil. Após a conquista da liberdade, as pessoas negras continuaram subalternizadas, pois livres foram jogadas a própria sorte, foram tratados como seres ignorantes, primitivos, incapazes de exercer funções que eram exercidas pelas pessoas brancas, negaram-lhes a oportunidade de realizar outro trabalho a não ser o de serviçal, de escravizado. Por puro preconceito e maldade esse povo foi posto à margem da sociedade e sofrem as consequências dessa época até hoje, como afirma Severo (2009):

Agora livres, não encontraram da terra que eles regaram com trabalho, sangue, suor e sacrifício a gratidão merecida. O crescimento que o País alcançou, tem generosa parcela do trabalho negro escravo e o que lhes sobrou desta terra que deveria ser sua pátria mãe foi apenas a discriminação, o abandono, a crueldade e o sofrimento (SEVERO, 2009, s/p).

A respeito dessa questão Brito (2010) afirma:

Com o desenvolvimento industrial e a urbanização avançando na mesma proporção, a população negra cada vez mais excluída e inferiorizada, foi se aglomerando em periferias e lugares de difícil acesso ficando à mercê do “esquecimento” da sociedade e do Estado. (BRITO, 2010, p. 05).

Diante disto, constata-se que a população negra sofre pela falta de oportunidade, ocasionada pelo racismo, desde o sistema escravista, o que gerou condições extremas de desigualdades entre brancos e negros, sobre isto Brito ainda ressalta:

(...) as condições iniciais de competição foram tais que, em geral, eliminaram o negro e o mulato das atividades mais dinâmicas e onde eram maiores as possibilidades de ascensão, confinando-os às ocupações mais instáveis e mal remuneradas, e mesmo a desocupação (...) o negro, após a abolição, se viu jogado no mundo competitivo sem ter sido preparado para ele, e enquanto não aprendia suas regras, perdia a concorrência para os imigrantes, sobretudo nas ocupações urbanas. Restava-lhe situações típicas de desemprego. (MOURA, 2006, Apud BRITO, 2010, p.05).

Nessa perspectiva, a escola como um dos principais espaços de socialização das culturas tem o dever de propagar a equidade social, “deve servir como um centro de debate e valorização da cidadania dos negros”. (Cavalleiro, 2000 p. 93), levando-os a se reconhecerem como sujeitos históricos, construtores de uma história e civilização abissal¹.

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO

Sabendo que as representações são ideias, conceitos, concepções, valores, princípios e imagens com os quais pensamos e atribuímos significados à realidade, às circunstâncias que geram as condições de existência de cada indivíduo ou grupo humano, pode-se afirmar que Livro Didático é uma

¹ Civilização admirável.

ferramenta de grande influência no processo de aprendizagem do (a) aluno (a). Por ser o principal portador de conhecimentos básicos das variadas disciplinas que compõe o currículo dentro das escolas, tornou-se um dos recursos mais utilizados em sala de aula, subsidiando tanto o trabalho do professor quanto o aprendizado dos educandos. Acerca desta questão, Silva afirma:

O livro didático ainda é nos dias atuais um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares, também para o professor dessas escolas, onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supre as dificuldades pedagógicas (SILVA, 2001, p. 19).

Sendo assim, caberá ao professor ter a preocupação da maneira que socializará o conteúdo histórico exposto nos livros didáticos, pois a maioria deles está carregado de estereótipos, que representam o negro de maneira inferior e subalterna, em relação ao branco. É construído a imagem de um negro predestinado ao fracasso. Há normalmente uma melhor representação de pessoas brancas em relação às pessoas negras, sendo-lhes conferida uma importância maior do que a estes últimos. Promovendo e enfatizando sempre a visão eurocêntrica, a qual é privilegiada nos conteúdos abordados pelo livro didático, colocando o negro à margem da construção da nossa história. Sobre isto Silva afirma:

O livro didático, de modo geral, omite o processo histórico, cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e autoestima (SILVA, 1995, p.47)

Como dito anteriormente, por ser uma das principais ferramentas de trabalho do docente, ou até mesmo a única fonte de leitura para os discentes, o Livro Didático é um instrumento que necessita de uma elaboração cuidadosa,

que aborde de forma democrática e realista a história, a cultura, a linguagem, os costumes, etc., de todos os povos que ajudaram a formar nossa civilização, sobretudo, expor claramente e sem estereótipos o povo africano que tanto contribuiu para o desenvolvimento e construção do nosso país.

É preciso valorizar o estudo da história africana, e é através de uma educação comprometida positivamente com as relações étnico-raciais, que compõem seus currículos com conteúdo que reconheçam e valorizem a história e a cultura dos afrodescendentes, que farão os mesmos a se reconhecerem na cultura nacional, e expressarem suas próprias visões de mundo, manifestando com autonomia seus pensamentos e desejos.

Diante da necessidade e do grito incansável do movimento social negro, de ativistas afrodescendentes, da população negra em si, nasce a Lei 10.639/2003, a qual estabelece a obrigatoriedade em todas as redes de ensino, público e particular do estudo da “história e cultura afro-brasileira” na educação nacional, como também, determina uma revisão nos currículos a fim de adequá-los as novas exigências, bem como uma melhor qualificação dos professores e os constantes aperfeiçoamentos pedagógicos, pois para que esse conhecimento e/ou entendimento da história e cultura dos afrodescendentes e africanos sejam socializados de forma correta com os fatos e/ou situações vividas, sem enaltecer apenas uma etnia.

Os docentes precisam livrar-se o quanto puderem preconceito e ignorância da cultura negra, por que até estes cresceram ouvindo e vendo o negro como um ser inferior, alguém que sempre ficou em segundo plano no cenário político, econômico e social do nosso país. Primeiro o docente tem que se despir do preconceito velado existente no ambiente escolar, assim como em outros, para verdadeiramente narrar a história de lutas, resistências, dores e conquistas que o povo africano vivenciou, contribuindo para a valorização, inserção e participação ativa da população negra em nosso país.

Porém, apesar dessa grande conquista e dos avanços obtidos nos últimos anos, os livros didáticos ainda insistem em apresentar o negro como um ser pequeno e submisso a classe branca. Sobre isto, Silva (2005) destaca:

De modo Geral, ele omite ou apresenta de forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico – cultural de diversos segmentos sociais tais como a mulher, o branco,

o negro, os indígenas e os trabalhadores entre outros (MUNANGA, apud SILVA 2005, p.23).

Essa pesquisadora ainda ressalta que em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas últimas décadas (SILVA, apud MUNANGA 2005, p.23).

OS EFEITOS DAS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO PARA AS CRIANÇAS QUE ESTÃO NA ESCOLA

A imagem do afrodescendente apresentada no livro didático de forma errada e discriminatória pode causar repreensões nas crianças negras, uma vez que o desenvolvimento de um conteúdo que revele o negro apenas como escravizado, marginalizado ou ser incapaz de viver livre, podem causar danos na construção da identidade das crianças, tornando-as retraídas porque sabem que a qualquer momento podem ser ofendidas, com alguém destacando suas características de negritude de forma negativa. Nesta perspectiva a criança evita interagir na aula com medo de gerar conflitos e sofrer discriminações, xingamentos acerca da sua cor.

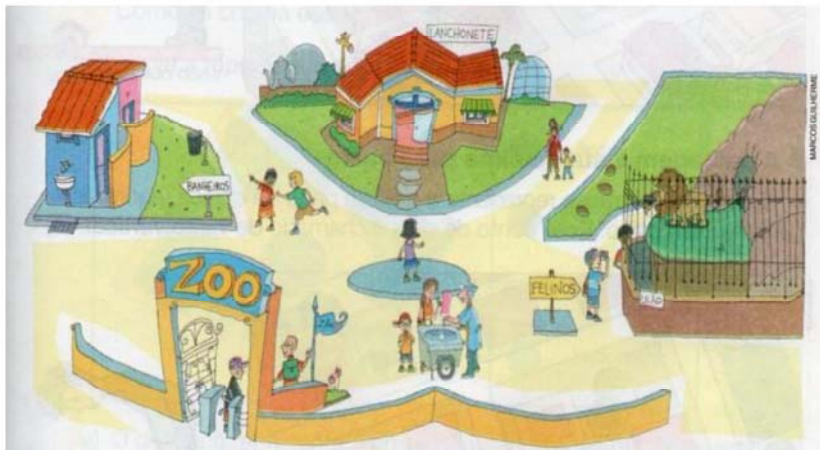
Por isso, há uma grande preocupação com as representações das pessoas negras no livro didático; estas quando são negativas podem causar efeitos danosos aos estudantes negros e brancos, principalmente no que diz respeito à construção das suas identidades étnico-racial, podendo torná-las adultos com complexo de inferioridade e preconceituosas com o próprio grupo étnico a que pertence e/ou se envergonharem do que são e não se reconhecerem como sujeitos históricos, mas como dependentes de atos alheios.

Para responder tal questionamento nos baseamos nas leituras e análises dos livros das disciplinas de História e Geografia do Projeto Buriti, uma obra coletiva, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, para os anos 2010, 2011 e 2012, sobre responsabilidade da editora Virginia Aoki², publicado em São Paulo no ano de 2007. Começo analisando o livro de Geografia do 3º

² Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo.

ano, em seguida o livro de Geografia do 5º ano e por último o livro de História do 3º ano, apresento três imagens de cada livro, respectivamente.

Imagem 1



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 3º ano – Editora Moderna 2007

Esta imagem é referente ao texto “Localizando lugares”, na página 27. Como pode observar são pessoas visitando um zoológico, na cena aparece apenas duas crianças negras, uma ver-se nitidamente indo ao banheiro com um colega, já a outra, ver-se uma pequena parte por traz da jaula do leão. Uma cena onde passa-nos uma impressão de predominância de um grupo étnico sobre outro, porque em um grupo de treze pessoas, apenas duas são negras.

Imagem 2



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 3º ano – Editora Moderna 2007

Na página 78 onde fala dos males que os fertilizantes e os agrotóxicos nos causam ao contaminar águas dos rios, entre outros, os autores ilustraram duas crianças banhando-se em um rio onde suas águas foram contaminadas com substâncias nocivas a saúde. Na última cena ambas crianças, uma negra e uma branca, aparecem doentes devido ao contato com tais substâncias, porém o cenário dos quartos dessas crianças é diferente. O menino de cor branca aparentemente possui um quarto mais bonito e confortável comparado ao quarto onde está o menino negro. Reproduzindo a ideia de que pessoas brancas têm uma condição financeira melhor do que as pessoas negras, como também, exemplifica o cenário de desigualdade social reinante no nosso país.

Imagem 3:



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 3º ano – Editora Moderna 2007

Na página 85, fala sobre os serviços públicos, onde aparecem diversas cenas elucidando a temática em questão. Dentre as seis situações do nosso dia-a-dia citadas, apenas uma é representada pela pessoa negra, reafirmando a predominância da raça branca em nosso país, pondo (de maneira indireta) as pessoas negras a margem da sociedade. Diante disto, percebe-se o racismo velado que ainda há nas representações de pessoas negras no livro didático.

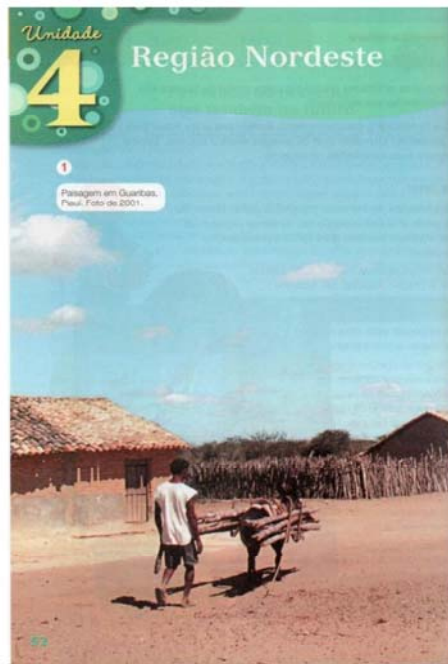
Imagem 4



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 5º ano – Editora Moderna 2007

A página 23 aborda o tema “Direitos Garantidos”, fala sobre a Declaração Universal dos Direitos das Crianças e ressaltam dois, o direito da alimentação, habitação e recreação e o direito à educação escolar. Porém diante da ilustração acima, o que podemos pensar? Que esses direitos são destinados apenas a um grupo? Que a minoria da população negra é quem tem acesso a tais direitos? Por que apesar de falar em igualdade social, a imagem é representada quase em sua totalidade por crianças brancas, ou seja, reproduz o que acontece em nossa sociedade atualmente: direitos restritos para a criança negra.

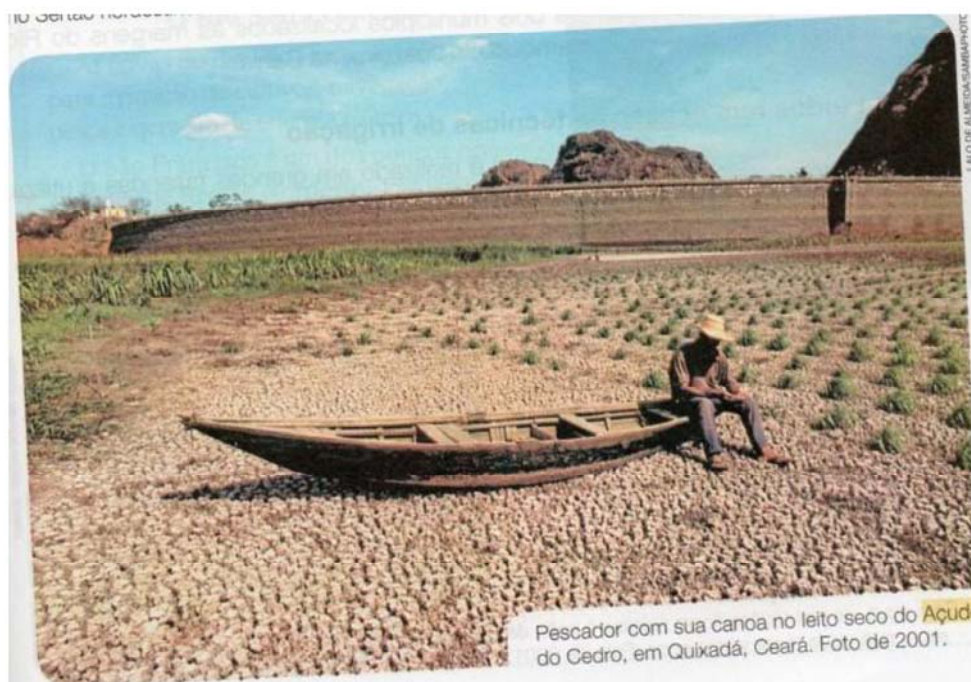
Imagem 5:



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 5º ano – Editora Moderna 2007

Na primeira página da unidade 4, onde fala sobre a região Nordeste, finalmente aparece a figura do negro em destaque, porém, reproduz a imagem estereotipada de sempre, um homem negro, aparentemente pobre, inserido em um cenário de empobrecimento. Carregando lenha no lombo de um burro, um trabalho que não lhe oferta uma remuneração significativa que possa lhe proporcionar uma qualidade de vida boa. Esse povo foi excluído de trabalhos que lhe proporcionassem uma condição financeira melhor no século XIX, porém hoje, essa não é mais a sua realidade, então imagens como está, não representa mais a vida da população negra.

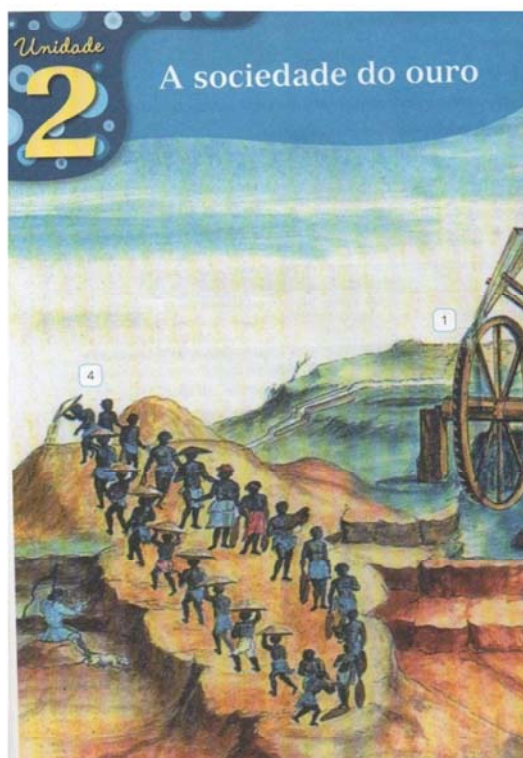
Imagem 6



Fonte: Projeto Buriti – Geografia – 5º ano – Editora Moderna 2007

No texto 2: Paisagem do Sertão, mais uma vez, o negro aparece desolado, pois como cita a legenda, é um pescador com sua canoa no leito seco de um açude, que perspectiva podemos pensar que essa pessoa tem? Será que o negro é predestinado sempre ao fracasso? Por que na maioria das vezes é sempre sua figura que representa cenas como esta? Pois sabemos que atualmente a situação da população negra mudou e mudou para melhor. Temos que dá um basta e parar de reproduzir estereótipos como este.

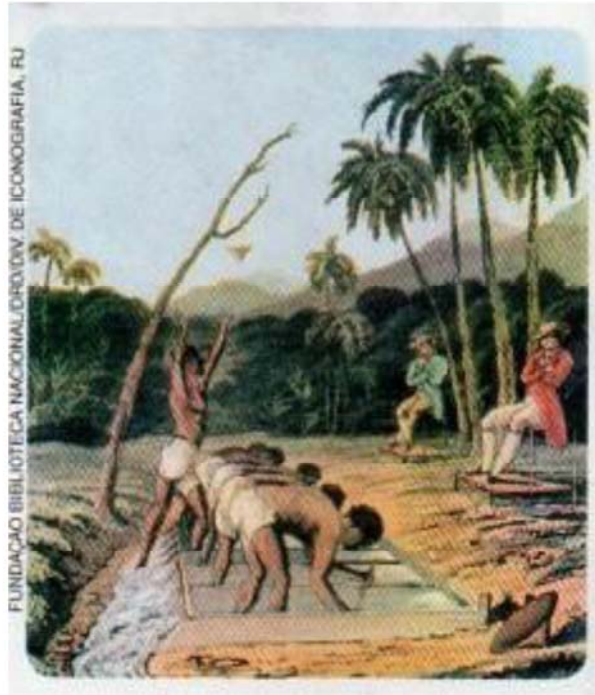
Imagem 7



Fonte: Projeto Buriti – História – 5º ano – Editora Moderna 2007

Nesta unidade fala-se sobre a extração do ouro, os autores pedem para que os educandos observem a imagem e responda alguns questionamentos; sobre o que a imagem representa? O que faz o trabalhador sentado? Entre outras. Apresenta de maneira naturalizada a submissão do negro, nenhuma das indagações questiona sobre essa submissão, nem tampouco, aborda de forma que apresente o negro como possuidor de conhecimento, pois a técnica de mineração eram os negros africanos que dominavam e foram eles que apresentaram tal prática aos portugueses. Precisamos promover um ensino justo, sem discriminação de etnia, expondo a história como de fato aconteceu, valorizando todos os conhecimentos e não apenas um como o costume.

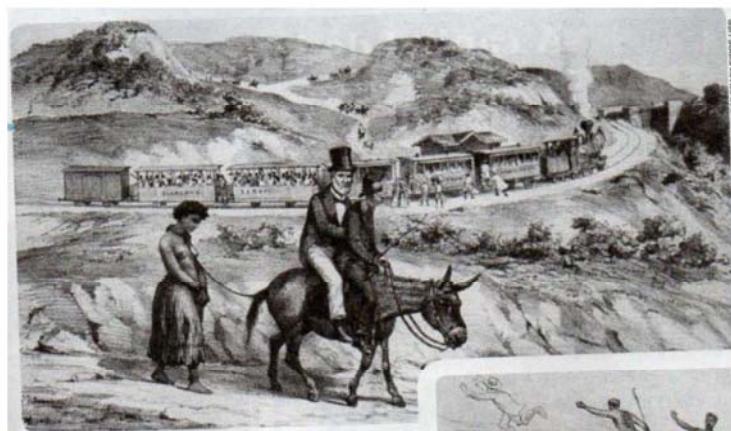
Imagem 8



Fonte: Projeto Buriti – História – 5º ano – Editora Moderna 2007

Continuando o capítulo falando sobre a sociedade mineradora, aparece mais uma imagem que reforça a pessoa negra como sujeito que contribui para a construção do nosso país apenas com o serviço braçal. Sempre submissos a caprichos e vontades dos senhores brancos. Imagem repetitiva / primária de livros de história, que não contribui para o conhecimento da história e cultura africana, nem tampouco, para a promoção de uma educação antirracista.

Imagem 9



Fonte: Projeto Buriti – História – 5º ano – Editora Moderna 2007

Na página 69 o texto discute o fim do império, fala resumidamente sobre as lutas dos escravos para conquistar sua liberdade e as etapas da escravidão até chegar seu fim. Essa parte da história que deveria ser debatida e estudada sem fragmentos é abordada de maneira superficial, como se fossem “lembranças” insignificantes de um povo que pouco contribuiu e/ou participou da formação do nosso país, sem contar que, a imagem vinculada ao conteúdo do texto não tem nada a haver com a imagem de um(a) negro(a) que resistiu e reagiu a um sistema autoritário e desumano, que foi o sistema escravocrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens apresentadas nos livros didáticos analisados no presente trabalho não contribuem o quanto poderia e deveria para a formação de uma sociedade e/ou cidadãos livres de preconceito racial, tendo em vista que são livros elaborados a partir da Lei 10.639/03, a qual deixa claro a obrigação e a necessidade de estudar e conhecer sem fragmentos ou inverdades a história dos negros africanos e conseqüentemente o passado dos afro-brasileiros.

Nos livros em questão a ausência das pessoas negras em atividades do dia-a-dia e em ambientes de trabalho é imensa, na grande maioria das cenas/imagens expostas em suas páginas, às situações são representadas por pessoas brancas, as quais estão sempre em posição de destaque, seja no que esteja representando (personagem, profissional, etc.) ou mesmo no tamanho da foto.

Nesta perspectiva, é de relevante importância que os conteúdos inseridos nos livros didáticos procurem contar a história dos negros de forma diferente e positiva, evidenciando suas qualidades históricas, pois suas contribuições na construção do nosso país foram bem mais além do que o trabalho braçal, foram os negros africanos que trouxeram as práticas de pecuária extensiva, mineração e metalurgia, ao nosso território, compartilhando os conhecimentos de tais práticas com os povos que conviviam na época.

Assim sendo, o livro didático deve abordar conteúdos, textos e temáticas antirracistas, que promovam uma conscientização sobre pensamentos e atitudes distorcidas e estereotipadas das pessoas negras e do próprio negro a respeito de si.

Desta forma, temos que pensar esses sujeitos como construtores de história e não como vitimizados por uma situação de escravidão. Diante disto, a elaboração de novos conhecimentos e novas pesquisas é uma ferramenta muito forte que possuímos para o combate de atos racistas e/ou discriminatórios, sobretudo, quando esse conhecimento ultrapassa os muros acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BRITO, Ângela Ernestina. **“O ontem eterno”? Moradia e desigualdade sócio-racial no Brasil, desafio para o Serviço social**, 2010, p.05. Disponível em:

<http://www.cressmg.org.br/arquivos/simposio/o%20ontem%20eterno%20moradia%20e%20desigualdade%20sociorracial%20no%20brasil,%20desafio%20para%20o%20servi%c3%87o%20social.pdf>. Acesso em: 15/10/2017

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar. Educação e Poder-racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Summus, 2000.

GOIS, Antônio. **Preconceito afeta desempenho na escola**. Folha de São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1805200309.htm> Acesso em 18/11/2014

MOURA, Alessandro de. **Quilombolas e favelas: negação e reafirmação das condições da população negra no Brasil**. Marília. Unesp, 2006. Disponível em: www.unesp.edu.br.

PARÉ, Marilene. **Auto imagem e auto-estima na criança negra: um olhar sobre seu desempenho escolar**. Porto Alegre, 2000. (Dissertação de Mestrado).

Salles, Silvana. **Indicadores sociais da população negra têm melhoras, mas condições de vida seguem inferiores às dos brancos**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/09/09/ult5772u769.jhtm>. Acesso em: 18/11/2014

SEVERO, Lara de Freitas. **O negro nos livros didáticos. Um enfoque nos papéis sociais**, 2009. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos3/negro-livros-didaticos-papeis-sociais/negro-livros-didaticos-papeis-sociais2.shtml> Acesso em: 31/10/2017

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO - Centro de Estudos Afro - Orientais, 1995, p 34; 47; 135.

_____. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001, p 14; 16; 19; 51; 58.

SOUZA, Maria Elena V. (org.) **“Relações raciais no cotidiano escolar: diálogos com a Lei 10.639/03”** – Rio de Janeiro: Rovel, 2009, 228 p.

VIEIRA, A. A. T; DINIZ, F. G; MONTEIRO, G. R. F. F; SANTOS, R.C. Oficina de filmes e relações raciais: materiais para aplicação da Lei Federal nº 10.639/03 no ensino básico. **Revista Tamoios**. Ano VII. Nº 2, 2011.